

Algumas considerações sobre os chamados « Ídolos Almerienses » da Península de Lisboa

POR

J. CAMARATE FRANÇA e O. DA VEIGA FERREIRA

Durante muitos anos, desde que foi exumada por CARLOS RIBEIRO do monumento sepulcral do Monte Abraão (Belas), constituiu peça única em Portugal uma plaqueta antropomórfica de osso, conservada ainda hoje no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, e que o seu descobridor, talvez em virtude do exemplar se encontrar incompleto e da escassez de elementos de comparação, admitiu ser uma «arma ofensiva».

Só muito mais tarde, um dos signatários (CAMARATE FRANÇA) iria encontrar numa sepultura colectiva, mas infelizmente destruída, na Praia da Samarra, ao Norte de Sintra, associada a espólio valioso, uma outra peça muito semelhante. GEORGE e VERA LEISNER descobriram, depois, uma terceira, feita de xisto azulado, numa grande sepultura megalítica do Concelho de Reguengos de Monsaraz, denominada Anta do Olival da Pega (1) e, ao publicarem o respectivo estudo, aludiram à placa do Monte Abraão que incluíram na sua classificação para esta espécie de «ídolos» de figuração antropomórfica.

No decorrer do estudo que efectuámos sobre o material da Samarra, em vias de publicação, pudemos verificar que estas plaquetas de osso, ou de pedra, eram realmente a figuração dos chamados «ídolos de Almeria».

A raridade deste tipo de «ídolos» em Portugal — apenas três assinalados até à presente data (2) — e a distância a que se encontram os

(1) No Alentejo, o povo chama Antas a todos os monumentos constituídos por grandes pedras, mesmo que não se trate propriamente de monumentos dolmênicos.

(2) Recentemente, o Sr. Dr. CUNHA SERRÃO comunicou, numa sessão da Secção de Pré-história da Sociedade de Geografia, ter encontrado, numa gruta da região de

locais em que foram encontrados do centro cultural de origem ou, pelo menos, do seu foco de irradiação na Península Ibérica, distância essa mais acentuada ainda em relação aos dois aparecidos na Península de Lisboa, sugeriram-nos o interesse que eventualmente poderia ter a presente nota, especialmente dedicada a estes últimos.

Descrição dos «ídeos» da Península de Lisboa

Monte Abraão — A delgada plaqueta de osso desta jazida está muito fracturada; no entanto, os entalhes laterais que individualizam o triângulo que forma a cabeça vêem-se nitidamente. O entalhe de um dos lados está partido assim como toda a parte inferior. A plaqueta acha-se recoberta por concreções ferruginosas. O conjunto tipológico que acompanha este «ídolo» é constituído por cerâmica lisa do tipo dolménico, abundante utensilagem lítica de sílex, como pontas de seta, lâminas, um belo punhal, etc., «ídeos» de calcário cilíndricos e hemi-cilíndricos, pequenos recipientes de osso e um pequeno «ídolo» de calcário em forma de bolota. O conjunto é completado por contas de colar de calaite, botões de osso, etc.

Samarra — A plaqueta antropomórfica da Samarra, embora um pouco danificada, está muito mais completa que a do Monte Abraão. Parece ser feita de marfim ou osso amarelado. O conjunto da Samarra que acompanhava este ídolo é constituído por elementos mais ou menos semelhantes aos do Monte Abraão. Acrescentamos a herminete ou enxó encabada de calcário, a colecção de «ídeos» de osso com gola e um pente de marfim. Como se disse já, o estudo deste importante conjunto será publicado, ainda este ano, nas Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal.

Considerações finais

O tipo de sepultura do Monte Abraão pertence à categoria das galerias cobertas da cultura almeriense ou de fortes influências de Almeria. Sobre a da Samarra, dada a sua quase completa destruição, nada ou quase nada se pode dizer, mas é possível que fosse do género da do Monte Abraão e da de outros monumentos megalíticos conhecidos nos arredores de Lisboa.

Sesimbra, um outro objecto afim, feito de osso. Como não examinámos o objecto referido, não podemos confirmar a opinião daquele estudioso.

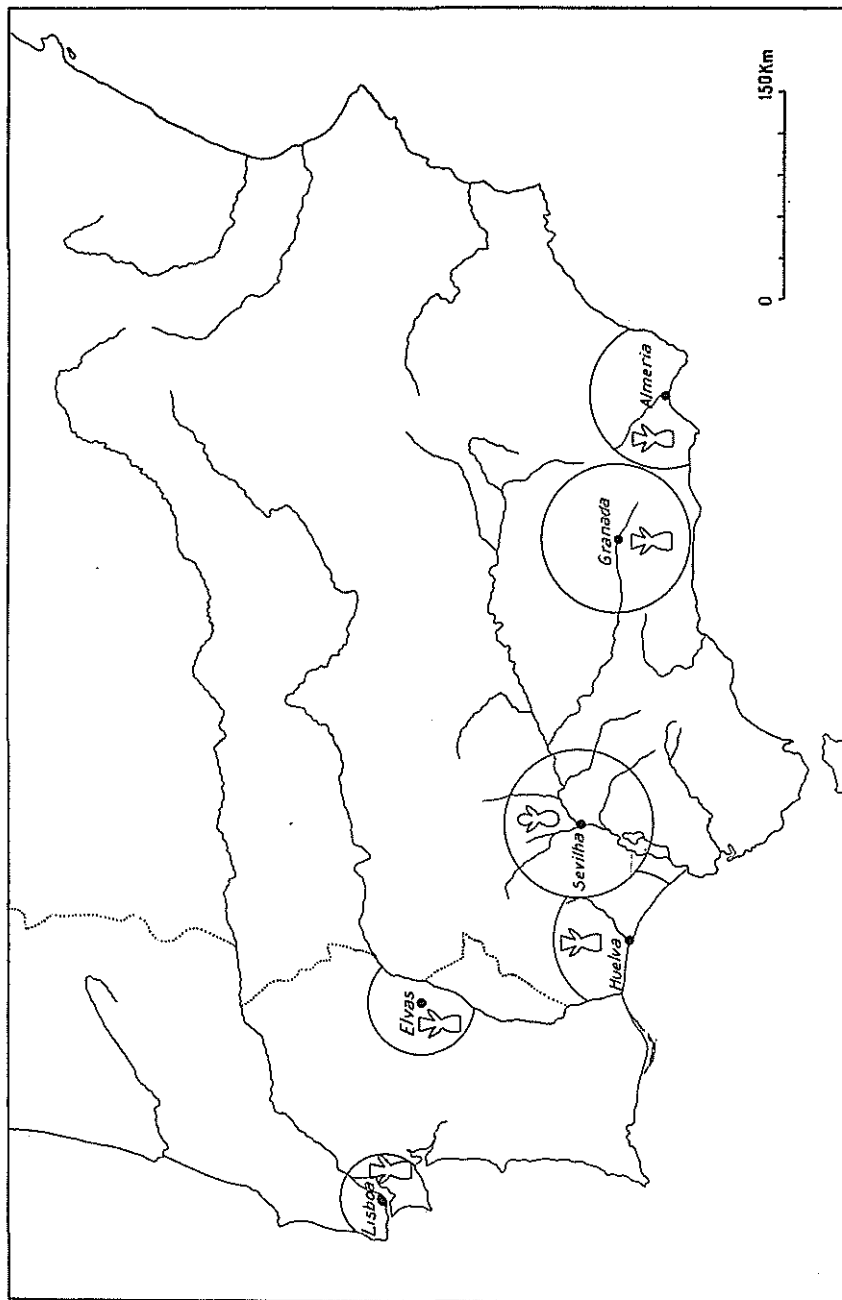


Fig. 1 — Progressão do «ídolo almeriense» a partir de Almeria.

Na Província de Almeria, a presença, em sepulturas, destas pequenas estatuetas ou «ídeos» de osso e de outros materiais, é muito frequente. Seguem-se as regiões de Granada, de Sevilha e de Huelva (¹). Em Portugal, apenas se conhecem os apontados.

Em Almeria, os locais ou estações pré-históricas onde mais têm aparecido estas plaquetas com figuração antropomórfica são, segundo GEORG e VERA LEISNER, os seguintes: Lloma da Atalaya, túmulo n.º 12; La Penera, túmulo n.º 1; Llano de la Rueda, túmulo n.º 1; Lloma de la Torre, túmulos n.ºs 3 e 4; Llano de la Lampara, túmulo n.º 1; Las Churuletas, túmulo n.º 3; Tijola; Barranco del Jocala, túmulo n.º 4; Llano de la Media Lagoa; Llano del Jantón, túmulos n.ºs 3 e 5; Los Millares, túmulos n.ºs 8 e 36; Huechar Alhama, túmulos n.ºs 6 e 12.

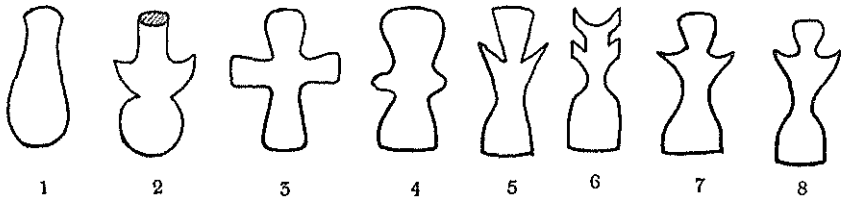


Fig. 2 — Tipologia evolutiva dos ídeos «tipo Almeria».

1. El Arteal; 2. Acebulhal; 3. Hoya del conquil; 4. Jocala; 5. Huelva; 6. La Lampara; 7. Cantoria; 8. Huelva.

Na Província de Granada, temos: Río de Gor, Los Castellanos, Fonelas e Lloma de la Manga.

Na Província de Sevilha: Acebulhal.

Na Província de Huelva: Monumentos megalíticos de El Pozuelo, sepulturas n.ºs 1 e 3.

De acordo com o que ficou dito e examinando o mapa anexo, notamos que os locais com cultura almeriense onde aparecem estes ídeos situam-se no Sueste espanhol, desde Almeria até Huelva. Ora, a presença destas figurinhas antropomórficas estilizadas na Península de Lisboa não deixa de ser um caso curioso se verificarmos que os núcleos culturais com iguais figurinhas distam daqui algumas centenas de quilómetros.

(¹) Na região de Múrcia, no litoral, existem várias grutas naturais que deram alguns «ídeos» deste tipo. Segundo informação de VERA LEISNER, foi encontrado na sepultura de falsa cúpula de Anguilar de Anguita, na Província de Guadalajara, 100 quilómetros a S. E. de Madrid, uma plaqueta com figuração do tipo de Almeria. No local existe uma antiga mina de prata.

No Algarve, desde Marcela (Cacela) até Alcalar, embora a influência almeriense esteja aí bem representada, desde o tipo de monumento sepulcral até o respectivo espólio, não apareceu ainda qualquer figurinha deste tipo. E no Alentejo, onde a Cultura de Almeria deixou igualmente profundas manifestações, somente em Reguengos de Monsaraz, como foi dito, se encontrou uma.

Analisâmos, resumidamente, o espólio de Monte Abraão e da Samarra. Se procedermos igualmente em relação a algumas outras estações pré-históricas da Península de Lisboa, verificamos a existência de elementos de fâcies almeriense, como sejam os vasos de colo delgado, os vasos com bojo saliente em carena e perfuração completa ou incipiente para suspensão, pontas de seta triangulares esguias com base côncava ou pequeno pedúnculo para encabamento, determinados punhais de osso, etc. Estes e outros elementos aparecem em monumentos com características também do tipo almeriense, e não da cultura dolmênica como até agora têm sido tomados, ou, então, em monumentos que, embora típicos de outras culturas, demonstram pelo seu espólio que estas não ficaram isentas de uma certa influência da primeira.

Segundo vários autores, o chamado «ídolo almeriense» é aquele que maiores afinidades tem com os «ídolos» orientais, hipótese ou opinião esta a reforçar outras provas da existência já de relações, nessas épocas, entre a Península Ibérica e o Mediterrâneo oriental. E esse «ídolo» é estranho à cultura neolítica, essencialmente dolmênica, do nosso Alentejo, bem como o são outras manifestações supostas religiosas da cultura almeriense. O Monumento de Monte Abraão e congêneres, com elementos de essa cultura, desde há muito os vimos considerando como monumentos de influência almeriense e não da cultura dolmênica, baseados não só na sua arquitectura mas também no seu mobiliário arqueológico. E assim, parece-nos de admitir que a par da progressão por via terrestre — Algarve-Alentejo — esta se faria igualmente por via marítima, como disse um autor «não com o aspecto migratório, mas com o de colonização», ligada talvez a relações com civilizações do Mediterrâneo oriental interessadas na exploração das nossas riquezas mineiras, em especial o cobre.

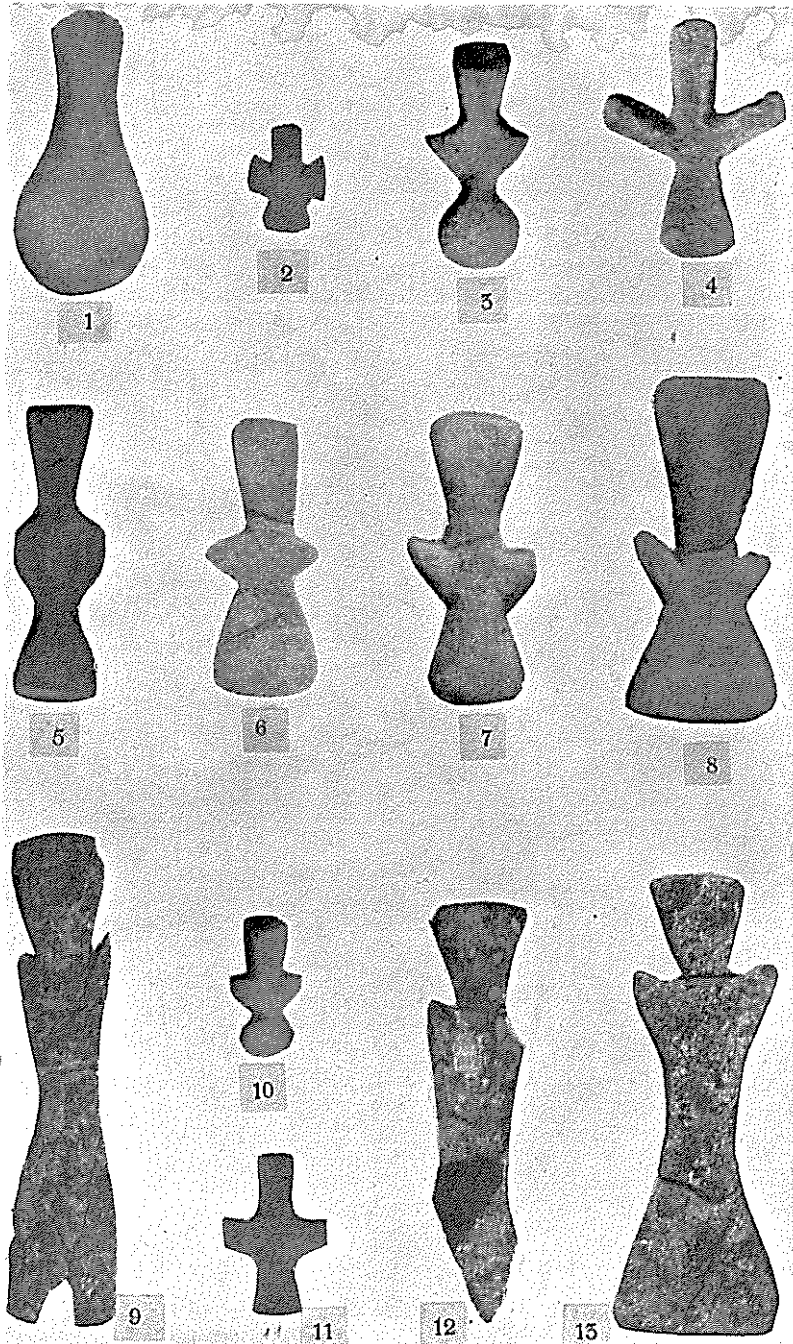
As relações com o Oriente deveriam ter-se estendido por séculos e a diversidade de «ídolos» peninsulares poderiam ter resultado, justamente, dessa longevidade de intercâmbio com povos diferentes. Recordemos que os contactos com as civilizações do vale do Nilo continuaram, sob vários aspectos, desde a base do nosso Eneolítico, do que serão testemunhos as contas discóides de xisto ou de calaite, os pentes

de marfim, algumas pinturas simbólicas em monumentos megalíticos da Beira e talvez ainda a forma de algumas placas antropomórficas, sobretudo do Alentejo.

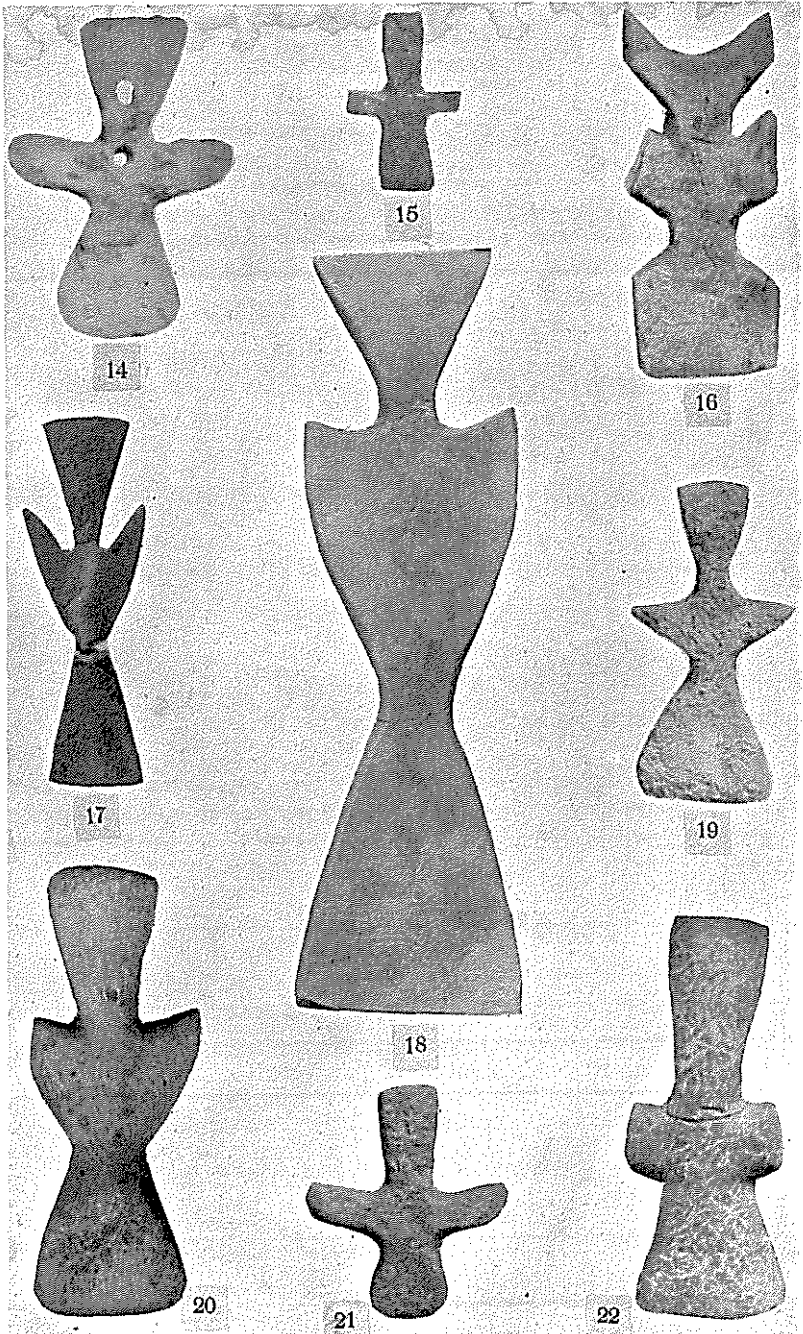
Em última análise, vemos que o conjunto de eventuais ideias religiosas expressas por estas pequenas figurinhas antropomórficas é estranha à cultura dolmênica dos primeiros agricultores. Portanto, se assinalamos a sua presença nos monumentos dos arredores de Lisboa, isto parece provar estarmos em presença duma cultura diferente da dolmênica, a menos que se tratasse de importações longínquas e episódicas — o que não nos parece viável, pois o resto do espólio retirado destes monumentos, assim como a sua técnica de construção, afastam-nos desta última, tão bem representada noutras regiões do País.

BIBLIOGRAFIA

- CAMARATE FRANÇA, J. & VEIGA FERREIRA, O. DA — A estação pré-histórica da Samarra (Sintra). A publicar pelos Serviços Geológicos de Portugal.
- CERDAN MARQUEZ, C., LIESNER, G. & VERA — Los sepulcros megalíticos de Huelva. *Informes y Memorias*, n.º 26, Madrid, 1952.
- ESTÁCIO DA VEIGA, S. P. M. — Antiquidades monumentaes do Algarve vol. 1, Lisboa, 1886.
- LEISNER, G. & VERA — Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. *Romisch Germanische Forschungen*, Berlim, 1943.
- RIBEIRO, CARLOS — Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos, Lisboa, 1880.
- VEIGA FERREIRA, O. DA & RODRIGUES CAVACO, R. — O monumento pré-histórico do Lousal (Grândola). *Com. Serv. Geol. Portugal*. T. xxxiii, Lisboa, 1952.
- VIANA ABEL, FRETRE DE ANDRADE, R. & VEIGA FERREIRA, O. DA — O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique). A publicar pelos Serviços Geológicos de Portugal.



1 — El Arloal; 2 — Huechar Alhama; 3 — Acebulhal; 4 — Llano de la Rueda; 5 — Churuletas; 6 — Jocala; 7 — Lampara; 8 — La Lampara; 9 — Samarra; 10 — Huechar Alhama; 11 — Llano de la Rueda; 12 — Monte Abraão; 13 — Olival da Pega.



14 — Hoya del Conquil; 15 — Churuletas; 16 — La Lampara; 17 — Huelva;
 18 — Huelva; 19 — Cantoria; 20 — Llano de la Media Legoa; 21 — Churuletas;
 22 — Jocalla.